**AS EXPERIÊNCIAS FAMILIARES NEGATIVAS DA MULHER EM HEMODIÁLISE**

**NEITZKE, Debora Viviane**

**OLIVEIRA, Vanessa Athaydes**

**SANTOS, Bianca Pozza dos**

**SOARES, Marilu Côrrea**

**SCHWARTZ,** **Eda**

**E-mail:** deboravivianeneitzke@hotmail.com

**Evento:** Congresso de Iniciação Científica

**Área do conhecimento:** Enfermagem

**Palavras-chave:** Mulheres; Famílias; Insuficiência Renal Crônica.

**1 INTRODUÇÃO**

A notícia de uma doença que coloca o paciente dependente de uma máquina como condição para viver, pode gerar muitas angústias e medo do desconhecido. A hemodiálise é um dos tratamentos de substituição da função renal, quando o paciente se encontra em Insuficiência Renal Crônica (IRC). As novas experiências, principalmente pelas mulheres são intensas, podendo atingir toda a relação familiar.

Dentro das experiências negativas, encontram-se as famílias que mantém relações desarmônicas (MATTOS; MARUYAMA, 2009), sendo denominadas famílias disfuncionais, em que são aquelas que apresentam vínculos afetivos superficiais, instáveis, sendo incapazes de manter uma relação saudável entre seus membros (MARTINI et al., 2007).

Uma pesquisa realizada com mulheres em tratamento hemodialítico constatou alteração na rotina das mesmas, em decorrência da doença renal e do tratamento. Além disso, revelou que as mulheres se sentiam carentes, angustiadas, tristes e possuíam medo da morte (HENRIQUES, 2008). A partir do exposto, o presente estudo tem por objetivo conhecer as experiências familiares negativas da mulher em hemodiálise.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Esse estudo caracteriza-se por ser descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, a partir do trabalho de conclusão de curso “As experiências em família segundo a compreensão das mulheres em hemodiálise”, sendo esse um subprojeto da pesquisa maior intitulada “Famílias na presença da doença renal crônica: interfaces do cuidado”.

A coleta de dados ocorreu entre abril e maio de 2012, em um Serviço de Nefrologia de um hospital de grande porte, localizado na Região Sul do Estado do Rio Grande do Sul. Fizeram parte do estudo, seis mulheres em tratamento hemodialítico que responderam um questionário semiestruturado. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para posterior análise.

Foram seguidos os princípios da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 1996). Além disso, o estudo foi apreciado pelo Comitê de ética em Pesquisa, recebendo aprovação sob o número 36/2012. Para manter o anonimato, as participantes foram identificadas de “E”, seguido do número arábico e da idade.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

No relato abaixo, evidencia-se a incapacidade dos familiares de cumprirem com a demanda de cuidados a paciente em tratamento hemodialítico. Assim, pode-se observar a amargura da entrevistada ao expressar o descaso familiar, em relação às limitações que a doença e o tratamento a impõem.

*Ele* [esposo] *tem uma charrete, então está sempre saindo, não para em casa e as gurias também e eu fico sozinha dentro de casa. Eles nem estão dando bola para nada é difícil eles me falar assim, para mim, se eu tenho que tomar um remédio, se tem que isso, se tem que aquilo, eles nem estão dando bola para a minha doença* (E3, 49 anos).

Segundo Martini et al. (2007), a rotina de vida é modificada em função das limitações impostas pelo tratamento. Essa alteração pode provocar confusão e desestruturação nas relações familiares.

*Ela* [Sogra] *me botava a cortar lenha com a fístula no braço. Eu com a fístula no braço e ela me botando a cortar lenha, dizendo bota essa aidética no machado a cortar lenha, fazer as coisas, está aí quietinha sem fazer nada. Deus o livre, o que eu fui humilhada* (E3, 49 anos).

Como experiências negativas enfrentadas pelas mulheres, os relatos nos proporcionam conhecer as relações interpessoais com a sua família, permitindo perceber que os conflitos familiares já eram existentes antes mesmo do estabelecimento da doença e do tratamento. Assim, E3 afirmou:

*Era um inferno a minha vida* [...]*,* *só Deus sabe.* [...] *Até hoje que a gente não se dá direito. Nosso casamento, foi um casamento assim, a gente só se viu e vocês vão casar* [...]*.* *Não é fácil, olha, tem dias assim que eu digo, vou pegar o rumo e vou me sumir e ninguém vai me enxergar* (E3, 49 anos).

A experiência advinda do adoecer ou no transcurso da doença, nada mais é do que as próprias já vivenciadas e construídas ao longo de suas vidas em família (MATTOS; MARUYAMA, 2009).

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao observar as experiências familiares negativas da mulher com doença renal crônica, almeja-se proporcionar cuidados singulares envolvendo o grupo familiar e a equipe de saúde. Nesse sentido, promover um adequado enfretamento para a doença e o tratamento, melhorando a qualidade de vida das mulheres, amenizando assim, o seu sofrimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução 196/96 sobre:** pesquisa envolvendo seres humanos.Brasília, 1996.

HENRIQUES, V., A família na Hemodiálise: VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 9. 2008, Lisboa.

MARTINI, A.M.; SOUSA, F.G.; GONÇALVES, A.P.F.; LOPES, M.L.H. Estrutura e funcionalidade de famílias de adolescentes em tratamento hemodialítico. **Revista eletrônica de Enfermagem**,v.9, n.2, p.329-343, 2007.

MATTOS, M.; MARUYAMA, S.A. A experiência em família de uma pessoa com diabetes mellitus em tratamento por hemodiálise. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 11, n. 4, p. 971-81, 2009.